

A potente reflexividade nas narrativas das crianças

Antonio Morais da Costaⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

Andrea Abreu Astigarragaⁱⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

Resumo

O principal objetivo desta pesquisa foi evidenciar e discutir a reflexividade das crianças através de suas narrativas. É um excerto da pesquisa de iniciação científica que enfocou as narrativas sobre ser criança, cujos procedimentos metodológicos foram inspirados nas investigações de Lani-Bayle (2018), com a utilização de um boneco representando um extraterrestre que visita a escola, rodas de conversas coletivas, gravadas e transcritas. O *lócus* foi um Centro de Educação Infantil, em um município da região norte do estado do Ceará, com crianças do Infantil V. Utilizamos conceitos de autores, tais como, Passeggi (2014), Ariès (1981), Coêlho e Souza (2018), Brostolin e Azevedo (2020), Costa e Astigarraga (2020). No excerto da pesquisa, destacamos duas narrativas reflexivas de crianças. Foi possível perceber a potente reflexividade das crianças em suas narrativas, demonstrando que elas precisavam ser ouvidas.

Palavras-chave: Crianças. Narrativas. Reflexividade.

Powerful reflections in the narratives of kindergarten children

Abstract

The main objective of this study was to highlight and discuss children's reflection through their narratives. This is part of a scientific initiation research project that focused on the narratives about what it means to be a child. The methodological procedures were inspired by the investigations of Lani-Bayle (2018), and an extraterrestrial puppet who visits the school was used during collective conversations, which were recorded and transcribed. The research was conducted at an Early Childhood Education Center with children from Kindergarten V in a city in the northern region of the state of Ceará. We used concepts from authors such as Passeggi (2014), Ariès (1981), Coêlho and Souza (2018), Brostolin and Azevedo (2020), Costa and Astigarraga (2020). In this paper, we highlight two narratives of children. The powerful reflection of children can be seen in their narratives, which shows how much they needed to be heard.

Keywords: Children. Autobiographical narratives. Reflection.

1 Introdução

2

Passeggi (2014) afirma que a reflexividade (auto)biográfica das crianças colabora para que elas tomem consciência de si como sujeito social. Em pesquisa anterior, verificamos que as crianças constroem um campo científico e investigativo de si no momento em que narram suas vivências, além de observar como concebem o fato de serem criança (COSTA; ASTIGARRAGA, 2021). Nesse sentido, será que as crianças têm oportunidade de refletir e de atribuir significados às suas vivências no espaço escolar?

Este artigo é um excerto da pesquisa de iniciação científica: Narrativas (auto)biográficas em espaços escolares sobre ser criança, do CNPq, entre os anos de 2019 e 2020. A pesquisa de iniciação científica aconteceu em uma escola da Educação Infantil, em um município da região norte do estado do Ceará, com crianças do Infantil V, com faixa etária de 5 anos. Dividimos as duas turmas do Infantil V em quatro grupos. Realizamos a coleta de dados, a transcrição e a análise dos dados e construção do texto.

Para os estudos de pesquisa com crianças, nos apoiamos nos seguintes autores: Passeggi (2014), Ariès (1981), Coêlho e Souza (2018), Brostolin e Azevedo (2020), Costa e Astigarraga (2020), que defendem as crianças como sujeito de direitos e principalmente de fala, no sentido de ouvi-las e valorizar suas opiniões para a construção de uma sociedade democrática e plural e não adultocêntrica.

Portanto, a pesquisa de iniciação científica focou nas narrativas das crianças sobre *ser criança*. No atual estudo, após leitura do *corpus da pesquisa*, pretendemos destacar as narrativas das crianças que expressam reflexividade. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa foi evidenciar e discutir a reflexividade das crianças através de suas narrativas.

2 A emergência de se ouvir as crianças na sociedade atual

Os estudos que tematizam a participação das crianças em pesquisas educacionais têm ganhado grande destaque atualmente. No entanto, Ariès (1981) aponta que as crianças, por demasiado tempo, ficaram à mercê da própria sorte para sobreviverem. Elas não eram integradas à sociedade, a categoria social da infância era inexistente, o que resultou numa invisibilidade das crianças, as tornando menos importante, uma vez que por serem pequenas, eram incapazes de exercerem algumas atividades pertencentes aos adultos.

Por esses fatores, à medida que as crianças se desenvolviam, elas eram incorporadas ao mundo do trabalho, sendo lançadas ao trabalho infantil e à adultização precoce. Esses fatores, mencionados por Ariès (1981), nos incita a difundir e a discutir se as crianças da sociedade moderna estão realmente vivendo e tendo direito à infância.

Nesse sentido, Brostolin e Azevedo (2020) nos alertam para a emergência de escutar as crianças da sociedade vigente, já que:

No atual contexto social em que as crianças estão inseridas, a escuta deve ser uma dinâmica diária no contexto educativo, pois elas carregam muitos saberes e experiências que precisam ser considerados pelos educadores, no entanto, isso só ocorrerá se tivermos a consciência de que as crianças possuem singularidades e características próprias, que elas também são sujeitos de direitos e precisam ser valorizadas como tal (Idem, *Ibidem*, p. 05).

De tal forma, é chegado o momento de se escutar as crianças, entender suas infâncias, singularidades, saberes e desejos. Ao escutar as crianças, estamos exercitando o direito pleno delas serem sujeitos participantes dos espaços em que ocupam, além de dar vez e voz a quem já foi silenciada por muito tempo.

É por meio da interação social que a criança compreende e interpreta o mundo, levando em consideração as questões históricas, culturais e sócio econômicas do lugar onde vivem, estes são fatores que certamente influenciaram na infância das crianças (SOUZA; ASTIGARRAGA, 2020, p. 03).

Sobretudo: “Faz-se também necessário entender que as crianças são o hoje, elas estão presentes na sociedade e precisam ser pensadas em seu tempo atual, e

não apenas projetadas para o futuro” (BROSTOLIN; AZEVEDO, 2020, p. 06). Condizente com essas reflexões, temos que ouvir a criança no seu aqui e agora, e não simplesmente submetê-la ou projetá-la em um devir a ser. A reflexividade que se faz em torno das crianças deve respeitar e valorizar suas vivências, para entender como a criança relaciona seus acontecimentos à sua existencialidade,

Portanto, a emergência de se escutar as crianças justifica-se principalmente pela visibilidade que a sociedade ainda não deu a elas. Ao propor pesquisas em que as crianças são protagonistas, rompemos com a cultura que as silencia e fazemos perceber que as crianças não transitam em nossos meio como seres passivas, mas como seres que detêm conhecimentos singulares e diversos. Em outras palavras: “A criança é um ser social que precisa de atenção, cuidados especiais e principalmente ser ouvido pelos adultos” (SOUZA; ASTIGARRAGA, 2020, p. 03).

4

2. 1 Reflexividade

Na reflexividade o narrador faz projeção sobre si, formula seu pensamento e, por meio de seu conhecimento, constrói e estrutura suas bagagens experienciais, assumindo a posição de protagonista da vida. Com as crianças não é diferente, elas conseguem refletir sobre suas vivências e nos mostra de diferentes formas, a capacidade reflexiva que têm. Passeggi (2014) destaca que a reflexividade não é suficientemente desenvolvida nos processos de escolarização, pois a escola está fixada em trabalhar o ensino e deixa pouco espaço para a criança se posicionar sobre suas relações com esse conhecimento.

A autora ainda destaca que é importante refletir sobre a importância da reflexão (auto)biográfica para pensar a criança como sujeito de direitos. Nesse sentido, adotamos esse mesmo pensamento de Passeggi (2014), de colocar a criança numa posição de sujeito reflexivo, pois a reflexividade permite à criança explorar, representar e trazer significados do seu vivido e dos espaços as quais estão inseridas, como por exemplo, a escola.

A intenção é mostrar que essa disposição humana para a reflexão sobre as experiências vividas se manifesta desde tenra infância. As narrativas das crianças nos permitem sinalizar que a reflexão estaria na base do processo de constituição da criança enquanto sujeito da experiência. Daí a importância de escutá-las e de observar como dão sentido às instituições que as acolhem na infância (PASSEGGI, 2014, p.105).

5 Sendo assim, nas pesquisas com crianças, verificamos a capacidade reflexiva que elas possuem, além de demonstrar como significam e projetam as instituições que elas frequentam. Afinal:

A experiência narrada e refletida operacionaliza a assunção de si como autor, ou seja, daquele que se responsabiliza pelo que diz de sua experiência ao contar a sua história. O trabalho da reflexão e da consciência sobre a memória nos permite inferir que a criança, na configuração do enredo, reflete criticamente (PASSEGGI, 2014, p. 115).

Considerando isto, precisamos verificar se o espaço escolar proporciona espaços e momentos de escuta às crianças.

2.3 A figura do pesquisador na posição de adulto atípico e sua atuação na pesquisa com crianças

Fazer pesquisas com crianças não é algo tão fácil assim, pois, nós pesquisadores, temos que nos esquivar do adulto que somos por alguns momentos e, desta forma, entrar no universo infantil das crianças. Esse universo infantil não diz respeito somente ao imaginário e ao brincar, mas ao fato de se deixar ser tocado e conduzido ao diálogo e às várias demonstrações de ser criança e viver a infância.

Nesse sentido, os estudos de Santos e Macedo (2020) sobre assumir a posição de adulto atípico na pesquisa com crianças têm contribuído para se repensar nas nossas ações e atitudes diante do diálogo e coleta de dados com as crianças. Ser adulto atípico é:

[...] abrir mão da autoridade do saber, buscar enxergar a partir do ponto de vista e interesses das crianças. E quando no papel de pesquisador colocar-se neste lugar de questionar as ditas verdades construídas e legitimadas pelo pensamento hegemônico (branco, adulto e masculino). (SANTOS; MACEDO, 2020, p. 251).

O pesquisador adulto atípico é aquele que, além de ouvir as crianças, terá paciência e respeitará os modos de como as crianças elaboram seu conhecimento e, assim, permitirá que elas, sem interrupções, possam ser narradoras de suas vidas. Isso: “[...] diz respeito à valorização das infâncias e da criança como sujeito social que exige maior participação em nossa sociedade e, conseqüentemente, na produção do conhecimento sobre ela” (SANTOS; MACEDO, 2020, p. 251).

Ao assumirmos essa posição de pesquisador adulto atípico, temos a oportunidade de conhecer a criança a partir de sua própria perspectiva, sem a interferência do pesquisador, pois quando se pesquisa crianças, o foco não está no pesquisador, mas nas crianças e em suas diversas formas de ser criança e viver a infância.

Portanto, nesta pesquisa, assumimos a postura de pesquisador adulto atípico, nos *desvencilhamos momentaneamente* de ser adulto e adotamos uma posição de pesquisador crítico-reflexivo que se coloca no lugar da criança.

3 A abordagem (auto)biográfica e suas contribuições na pesquisa com crianças

A abordagem (auto)biográfica com crianças tem sido uma perspectiva de pesquisa qualitativa inovadora, pois a visão adultocêntrica da pedagogia tradicional que coloca o professor na posição de “senhor do conhecimento” de forma vertical, não proporciona uma visão humanista em que a criança seja considerada sujeito ativo do seu processo de construção de conhecimento e ser reflexivo sobre o contexto em seu entorno. É uma perspectiva que se aproxima das crianças, buscando entender suas vivências e oportunizando que elas sejam construtoras de suas experiências e de suas histórias de vida. Com isso, entende-se que a pesquisa (auto)biográfica coloca a criança como ser reflexiva de si, que pensa, constrói e dá significado ao vivido.

Na abordagem (auto)biográfica as narrativas infantis, quando visibilizadas, são relevantes nos processos formativos das crianças, na medida em que possibilitam para elas a reinvenção de si e a atribuição de sentido e

significado às experiências vivenciadas cotidianamente (COÊLHO; SOUZA, 2018, p. 222).

Salientamos que, primeiramente, realizamos o período de observação na escola que fizemos a pesquisa. Esse contato inicial com as crianças é um fator imprescindível, pois elas não iriam se sentir à vontade sem antes nos conhecer.

Sobre isso:

[...] é preciso envidar esforços, explicitando os limites e descobrindo as possibilidades para estabelecer uma comunicação fértil com as crianças pequenas, principalmente no intuito de inventar, criar e estabelecer outras formas de comunicação com elas, o que coincidirá com a criação de outros procedimentos teórico-metodológicos de pesquisa (MARTINS FILHO, 2011, p. 95).

Após o período de observação, planejamos com o grupo gestor e professoras, a agenda de coleta de dados. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLEs) foram lidos e assinados pelos pais das crianças e professoras. Após a pesquisa de iniciação científica concluída, verificamos no *corpus da pesquisa* duas narrativas de meninos que nos chamaram atenção. É sobre elas que pretendemos nos debruçar a partir de agora.

As pesquisas com crianças têm mostrado aos pesquisadores que é necessário ter cautela e atenção ao analisarmos suas narrativas, já que elas, como coloca Passeggi et al (2017), narram suas experiências com frases curtas. Nesse sentido, por mais curtas que sejam suas narrativas, elas devem ser valorizadas, pois demonstram a criança que se projeta e se constrói pela narrativa (auto)biográfica. Passeggi et al (2017) chama essas frases curtas de micronarrativas. No processo de biografar-se, as crianças narram suas experiências:

Contadas em micronarrativas, fortemente sintéticas, porém densas de sentido, essas narrativas exigem ainda mais rigor para nos aproximarmos da visão de mundo da criança. Em primeiro lugar, exigem que nos distanciemos de uma perspectiva adultocêntrica, que nos faz olhar para suas interpretações como 'coisas de crianças', mas também impõem a necessidade de não nos deixarmos envolver pelo óbvio. E, finalmente, que há de considerar o desafio de que o espírito de análise e preocupações teóricas possam por em risco o modo de pensar da criança (Idem, *Ibidem*, p. 468).

Ademais, na pesquisa com crianças, saber analisar as micronarrativas é um fator imprescindível. É necessário perceber a criança que está em formação e desenvolvimento, na verdade, precisamos entender que essas micronarrativas, representam suas singularidades e seus entendimentos sobre os espaços que vivenciam.

As narrativas foram colhidas no contexto da pesquisa realizada no Centro de Educação Infantil, em sala de aula, em rodinhas de conversa.

8

Criança A: *“Eu fico de castigo quando não consigo terminar a atividade. Quem não fica quieto, a tia briga e deixa sem recreio. Quando eu crescer, eu vou ser professor, porque vou deixar os alunos irem para o recreio”. Nesta narrativa, identificamos que a criança A reflete sobre o seu cotidiano na escola, avalia que não é bom ficar de castigo e projeta o seu futuro como um professor diferente do seu, se coloca no lugar de alguém que sofre pelo castigo e no lugar de alguém que não pretende castigar ninguém futuramente”.*

Criança B: *“Quando eu crescer quero ser médico, porque quero ajudar as pessoas doentes”. A criança B, também tem uma narrativa reflexiva e projetiva porque deseja se tornar médico para ajudar aos outros”.*

As crianças apresentam aspectos de reflexividade em seu contexto cotidiano no espaço escolar, pois analisam e projetam suas vidas, não se fixando no aqui e agora, mas, principalmente, se colocando no lugar do futuro adulto (professor e médico) e de outras crianças (alunos e pacientes). Estas questões vêm à tona quando se realiza uma escuta sensível das crianças, como foi feito nessa pesquisa, do qual se privilegiou a narrativa delas. “[...] esse processo busca compreender as crianças, seus interesses, relações, saberes, motivações, desejos e modos de vida” (SANTOS, 2021, p. 06).

Verificamos que, ao narrar, a criança projeta suas vivências e pode narrar ao pesquisador aquilo que a marcou e que para ela tem significado e importância. De tal maneira que: “A pesquisa (auto)biográfica permite à criança refletir sobre seu percurso metodológico de aprendizagem e formação” (MORAIS; ASTIGARRAGA,

2020, p. 03). Portanto, faz da criança um ser erudito de saber social, histórico e cultural.

No contexto da pesquisa com crianças, a abordagem (auto) biográfica sobre os estudos da infância e da Educação Infantil se configura como um importante dispositivo teórico-metodológico para potencializar a construção da identidade pessoal e social da criança, contextualizada à sua história de vida. As crianças, ao narrarem sobre os acontecimentos vivenciados cotidianamente, entram, através da atividade de biografização, em um processo de reflexividade (COELHO; SOUZA, 2018, p. 223).

9

Em face disso, as crianças são estimuladas a refletir e passam a ter poder reflexivo suficiente que edificam seus pensamentos e saberes, que darão subsídios basilares para a construção de narrativas.

Nesse sentido, as narrativas (auto)biográficas contribuem no processo de compreender quais as concepções que as crianças têm de si mesmas; quais os sentidos que elas atribuem às experiências vivenciadas no âmbito sociocultural e como as práticas educativas propostas convergem com suas expectativas e desejos (COELHO; SOUZA, 2018, p. 224).

Utilizamos esta perspectiva metodológica porque ela nos aproxima da criança, de seus pensamentos e sentimentos no momento vivenciado (DEMARTINI, 2011).

4 Conclusão

O principal objetivo da pesquisa foi evidenciar e discutir a reflexividade das crianças através de suas narrativas. Portanto, essa pesquisa deixa evidente que há a emergência no cenário atual de se escutar as crianças, de estar e aprender com elas. Foi possível perceber a potente reflexividade das crianças em suas narrativas, demonstrando que elas precisavam ser ouvidas. E nós, na posição de pesquisadores, estimulamos essa práxis para que ela possa ser ampliada por outros pesquisadores. As micronarrativas das crianças podem ser entendidas como pequenas grandes narrativas refletidas e merecem mais pesquisas dedicadas à elas, dentro e fora da escola.

Sobre o questionamento: “será que as crianças têm oportunidade de refletir e de atribuir significados às suas vivências no espaço escolar?”, identificamos que a

escola precisa ser um ambiente acolhedor e principalmente democrático, no qual as crianças sejam livres, respeitadas e estimuladas às múltiplas possibilidades de expressão, para participar de todas as vivências educativas nas quais elas estejam inseridas.

Referências

10

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BROSTOLIN, M. R; AZEVEDO, A. P. Z. A participação da criança na pesquisa: entre possibilidades e limites. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5780>
Acesso em: 15 jun. 2021.

COÊLHO, Patrícia Júlia Souza; SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas de crianças sobre a escola rural: experiências e aprendizagens. In: PASSEGGI ET AL (Orgs.). **Pesquisa (auto) biográfica em educação infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal, RN: EDUFRRN, 2018.

COSTA, Antonio Moraes da; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. A narrativa (auto)biográfica de crianças em pesquisas educacionais. In: **V Seminário luso-brasileiro de educação infantil / II Congresso luso-afro-brasileiro de infâncias e educação** - São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/clabie2019/trabalho/132020>. Acesso em: 05 mar. 2021.

COSTA, Antonio Moraes da; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. As narrativas sobre ser criança: do desencanto ao encantamento em trajetória de acadêmico a pesquisador. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-21, 2021.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

LANI-BAYLE, Martine. **A criança e sua história. Por uma clínica narrativa**. Trad. Maria da Conceição Passeggi, Sandra Maia Vasconcelos. Natal: EDUFRRN, 2018.

MATINS FILHO, Altino José Martins. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV, 2014.

PASSEGGI, Maria et al. Narrativas autobiográficas com crianças na pesquisa qualitativa em educação: reflexões sobre procedimentos de análise. **CIAIQ 2017**, v. 1, 2017.

11

SANTOS, L. S. dos. O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil?. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5119>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Solange Estanislau dos; MACEDO, Elina Elias de. O/a pesquisador/a como adulto/a atípico e os desafios das pesquisas com crianças. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 28, p. 249-259, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2157> Acesso em: 05 jun. 2021.

SOUZA, Rosely Monte; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu; Infâncias: uma abordagem envolvendo literatura, cinema e a vida real. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3578b> Acesso em: 05 jun. 2021.

ⁱ **Antonio Morais da Costa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0251-0509>

Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas (GEPAS).

Contribuição de autoria: Na elaboração e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0990898372934214>.

E-mail: moraisfruticultura@gmail.com

ⁱⁱ **Andrea Abreu Astigarraga**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (auto)biográficas (GEPAS).

Contribuição de autoria: Na orientação e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355941154537341>.

E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

COSTA, Antonio Morais da; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. A potente reflexividade das crianças nas narrativas da turma do Infantil V. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-7, 2021.